

Folclore versus Parafolclore: O caso das Taieiras no Estado de Sergipe

Hugo Leonardo Ribeiro^[1]

Sabe-se que o repertório de um grupo de música tradicional tende a ser um reflexo da sociedade e contexto em que vivem. Juntamente a isso estão relacionados conceitos de criação e apropriação de novos itens musicais que, consciente ou inconscientemente, são praticados dentro dessa comunidade. Seus parâmetros e processos, no entanto, estão intimamente ligados ao indivíduo, em geral ao que coordena, organiza e é responsável pela criação ou mudança dentro do repertório do grupo. Porém, diversos fatores atuam juntos na dinâmica da criação (inovação) e aceitação dentro de um grupo social. Alan P. Merriam, que vê a cultura através de um modelo tríplice articulado em conceito, comportamento, e produto, nos alerta de que o processo de mudança é variável de uma cultura para outra e que a relação entre conceito, comportamento e produto nem sempre é linear, podendo acontecer a mudança em um dos fatores, sem no entanto afetar os demais.

Esse texto discute como os grupos de Taieiras no Estado de Sergipe passaram a manipular os **conceitos** já assimilados de folclore e párafolclore, utilizados por pesquisadores de orientação folclorista, refletindo diretamente no **comportamento** e no **produto** dos mesmos. Sempre preocupados em registrar fatos "tradicionais", "originais" e "antigos", as limitações das pesquisas "folclóricas" quase sempre acabam por influenciar na interação social das comunidades, na sua dinâmica cultural, gerando hierarquias não antes pensadas, e até recriações culturais. Como todos os grupos estudados são classificados ou se auto-classificam a partir desses conceitos, justificam-se então seu esclarecimento e definição. É importante deixar claro, porém, que não se pretende aqui elaborar um novo conceito de objeto folclórico ou parafolclórico, nem tampouco rever definições acadêmicas ou de correntes ultrapassadas. Pretende-se, sim, observar como o próprio povo o entendeu, manipulou e deu novo significado aos termos.

As Taieiras têm em seu repertório musical um dos elementos principais. Incluídos como parte do amplo "folclore brasileiro", têm como característica geral serem formadas em quase sua totalidade de mulheres, que dançam e cantam predominantemente em homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Os poucos participantes do sexo masculino, no entanto possuem funções fundamentais na estrutura formal. São formadas pelo Rei e pela Rainha (às vezes são duas), acompanhantes dos mesmos, taieiras (quase sempre mulheres com vestidos brancos enfeitados de fitas coloridas), e instrumentistas. Esses são geralmente compostos por um tocador de tambor, e ganzás manipulados pelas taieiras, mas isto pode variar a depender do grupo.

Ao passo que sua relação com os santos católicos confere às Taieiras uma característica religiosa, sua atuação em festas populares e seu repertório musical lhe confere uma característica profana, de diversão. Explica-se: nem todos os grupos de Taieiras estão atrelados somente às datas festivas do calendário católico. "Festivais de cultura", "encontros folclóricos" e festas particulares também se tornaram um bom pretexto para as taieiras se divertirem e conhecerem outras localidades.

Essa nova possibilidade de apresentações fez emergir nos grupos populares um novo significado aos seus fazeres que, se em determinada época estavam subordinados às apresentações tradicionais do ciclo natalino, agora podem se apresentar mais vezes durante o ano e viajar por conta da "brincadeira". E agora, com a atenção voltada para um conceito cristalizado do que seja folclore, novos grupos começam a surgir e a dividir o palco com os "tradicionais", sendo classificados como grupos párafolclóricos, um rótulo pejorativo que de certa forma serve para classificar e ordenar em grau de importância os grupos que vão se apresentar em dada ocasião. Esse é um conceito ético elaborado por folcloristas, que o povo passou a se apropriar, e redefini-lo de acordo com sua conveniência. Apesar de indubitavelmente essa situação propiciar um novo comportamento cultural, gerando mudanças no fazer musical, ao mesmo tempo vemos aparecer no próprio seio dos grupos populares um novo conceito de tradicionalidade. Mudanças passam a ser renegadas para não afetar a credibilidade do grupo ou para não ferirem a tradição. Surge então um problema para o

analista, quando o 'fazer' (comportamento) e o 'falar sobre' (conceito) entram em conflito.

Como recorte metodológico foram escolhidos os cinco principais grupos de Taieiras atuantes no estado de Sergipe: Taieiras de Laranjeiras, organizadas por Bárbara (afilhada da finada Lourdes) e Helena; Taieiras de São Cristóvão, organizadas por Jorge; Taieiras de Japarutuba, organizadas por Ieda; e dois grupos da cidade de Lagarto, um organizado por Gérson e outro por Claudineti.

Uma Descrição Superficial^[2]

Nos municípios de Japarutuba, Laranjeiras e São Cristóvão, é visível o orgulho que as pessoas sentem ao falarem que na sua cidade existem diversos grupos folclóricos ativos. Há um orgulho de estar contribuindo para preservar as tradições. Para tanto, organizam festas religiosas e profanas, ensaiam os grupos e desfilam perante um público que aguarda esses momentos com vivo interesse.

Existe até mesmo um certo ufanismo local que acredita e defende ser Sergipe o estado brasileiro que mais possua grupos folclóricos atuantes. Nessa mesma perspectiva, os municípios tornam-se famosos pelos encontros culturais que organizam. São Cristóvão já realizou vinte e nove edições dos seus. Neste ano de 2003 já tomou lugar o XXVIII Encontro Cultural de Laranjeiras. Japarutuba iniciou sua série no ano de 2002 durante os festejos do dia de Reis. Diversas outras cidades do interior de Sergipe convocam a participação de dezenas de grupos folclóricos do estado, incentivando a manutenção e difusão dessas manifestações populares, ao mesmo tempo em que esses mesmos encontros culturais acirram uma "nova" rivalidade entre municípios, onde "ganha" aquele que tiver mais grupos locais.

São características desses grupos o espírito coletivo, antiguidade, anonimato, e o fato de serem formados praticamente por pessoas de baixo poder aquisitivo, em sua grande maioria de baixa escolaridade. Estas características se refletem nas vestes humildes, mas bem elaboradas, nos enfeites "improvisados" e nas cantigas estróficas de fácil memorização. Estes são os grupos folclóricos, que, para preservarem a tradição, a história, não se permitem mudanças nas roupas, tampouco nas cantigas "conhecidas de todos". São Conservadores.

Com a difusão e valorização dos grupos populares, outros indivíduos, de nível cultural e financeiro superior aos anteriores, apropriam-se do "conhecimento" tradicional e organizam grupos particulares, com indumentária elaborada e vistosa, instrumentos musicais modernos e uma maior capacidade de verbalizar sobre sua prática. Não ligados à antiguidade, possuem maior liberdade de criação musical e modificação estrutural interna. Estes são, portanto, denominados parafolclóricos que, ao possuírem toda uma característica burguês-urbana, acabam por serem constantemente convidados para desfilar em eventos de maior porte, abrilhantando as festas com ares de eventos culturais, sem choque nem agressão à elite dominante; tornando-se assim, representantes oficiais da cultura popular de determinada região.

Possivelmente esta descrição se configuraria na visão da dinâmica cultural segundo a ótica dos folcloristas. É o que poderíamos chamar de uma espécie de descrição superficial de um acontecimento social. Porém, essa explicação encontra-se dissociada da realidade popular, altamente complexa em seus atos significantes e interpretações, de acordo com interesses pessoais e locais. Uma possibilidade de vislumbrá-la seria a tentativa de interpretar os acontecimentos, à luz da antropologia simbólica.

Uma Descrição Densa

Numa cidade pequena como Japarutuba, a sessenta quilômetros da capital, com cerca de seis mil habitantes e uma economia basicamente agrícola em decadência, a possibilidade de utilizar-se do turismo como fonte de renda extra é bastante animadora. A venda de objetos e

artesanatos surge como uma possibilidade de renda informal, e mantém diversas famílias. Como de praxe, os jovens locais não querem mais trabalhar na roça. Mudam-se para a capital em busca de estudo e uma vida com mais conforto, refletindo na ruptura com a continuação das tradições locais. A mesma situação é encontrada nas cidades de Laranjeiras e São Cristóvão, com o agravante de estarem mais próximas à capital (18 Km.), aumentando o êxodo rural (se é que ainda é possível falarmos nestes termos).

A esses motivos a mídia de massa se alia, transformando toda a forma de pensar e agir de nossa sociedade capitalista e, como não podia deixar de ser, está presente em praticamente todas as cidades do interior sergipano. Novos produtos, novos conceitos estéticos e novos estilos musicais estão presentes. Uma nova ordem econômica exige uma maior produção com menor custo, envolvendo um emprego maior de máquinas, extinguindo empregos. É visível que mesmo cidades do interior já não são as mesmas de um século atrás: a Lagarto social, cultural e até mesmo estrutural de Sílvio Romero já quase não existe.

Aproveitando datas festivas e comemorações populares já sacralizadas pela tradição, as prefeituras e entidades culturais locais passaram a vislumbrar no turismo cultural uma nova forma de dinamizar a economia local, organizando encontros culturais e eventos folclóricos. Tais eventos, movidos por interesses econômicos e políticos tendem a tratar os participantes como meros objetos, passíveis de manipulações diversas, camufladas pelo desejo de manutenção da tradição folclórica.

Um exemplo extremo foi vivenciado no ano de 2002, durante o XXVII Encontro Cultural de Laranjeiras. Este evento tradicionalmente coincide com a festa de Reis em 6 de janeiro, quando acontece um fórum de debates acadêmicos, e se aproveita a data para deleitar os participantes com o desfile dos grupos. A isso se juntam shows de bandas populares e um parque de diversões em plena avenida principal. Por uma feliz coincidência, o dia 6 de janeiro de 2002 caiu num Domingo. Nada mais próprio para a realização de missas, cortejos e festejos religiosos próprios e inerentes à data. Por motivos não explicados, entretanto, a prefeitura decide mudar a data do Encontro e de todos os festejos para a semana seguinte. Logo, as comemorações de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, ao invés de ocorrerem no dia 6 de janeiro, passaram para o dia 13 de janeiro, exatamente no Domingo seguinte.

A despeito do nome, os encontros culturais que além de promovidos pelas prefeituras locais contam com o apoio de agências estatais, apóiam-se nos mega-shows de bandas populares, produtos da indústria cultural que se utiliza da mídia de massa para "massacrar" os ouvintes com inúmeras repetições de uma mesma música. São relegados para segundo plano todos os festejos vinculados à data religiosa, transformando todo o simbolismo que permeia as apresentações populares.

Dessa forma, bandas de *axé music* e forró "eletrônico" atraem para a cidade um grande número de pessoas, gerando empregos temporários (barracas de comidas e produtos típicos), e uma ampla divulgação da cidade. Esses shows sempre acontecem à noite e acarretam substancial dívida pública, esta mascarada por acordos políticos, vez que os shows também servem de propaganda política para seus organizadores, revertendo-se em votos para eleições futuras.

A chamada "parte cultural" acontece principalmente durante o dia, com apresentações de grupos locais, feiras de artesanato, desfiles de escolas, concursos literários, entre outros. A polarização dos principais eventos à noite, e a quantia monetária destinada às partes, já demonstra o interesse dos organizadores em separar e hierarquizar as apresentações, o que é percebido rapidamente pela população local.

Esses que em outras épocas podiam considerar-se auto-subsistentes, passam então a exigir da prefeitura ajuda na confecção de roupas, dinheiro para compra de sapatos e instrumentos para as apresentações e local para poder ensaiar o grupo. E o que antes era um apoio público para a "defesa do folclore" transforma-se em patrocínio^[3], gerando uma relação viciosa, uma vez que os grupos só se apresentam se tiverem apoio financeiro. Esse apoio baseia-se na credibilidade que os grupos conferem aos encontros culturais, partindo de uma

política de turismo cultural, direcionando a atenção principal para os grupos antigos, cuja presença é imprescindível.

Logo, ao assistir às apresentações dos grupos "folclóricos", é possível constatar uma atitude passiva de grande parte da população local. Quando não há descaso com o acontecimento, há uma falta de interesse em participar, mesmo como espectador. Essa atitude, apesar de não ser assumida por todos, parece refletir-se naqueles em que menos deviam: os organizadores. A maior prova está no despreparo técnico para organizar eventos desse porte, desde a definição de um roteiro pelas ruas, onde os grupos passam a desfilar por entre carros que, sem a menor preocupação, abrem as portas e ouvem música em alto volume. Até a inserção desses grupos em palcos montados, a três metros do chão, cuja metragem não condiz com o tamanho do folguedo e quantidade de participantes é inadequada. Nesse mesmo palco é feita uma microfonação para amplificação dos instrumentos musicais, que além de impedir o movimento dos músicos, altera totalmente o resultado acústico. Isso sem falar no tempo pré-determinado que é imposto às apresentações, geralmente cerca de dez a quinze minutos, que limita qualquer espécie de evolução dos grupos, e mesmo o repertório tem que se adaptar a exigências "superiores".

Vivenciando todo esse descaso e manipulação, aliado a um círculo vicioso entre agências públicas e grupos populares, questionam-se quais são as motivações para a manutenção de grupos "folclóricos".

O erro começa em querer transpor um acontecimento de uma época, com fins e significados próprios, para os dias atuais, e querer manter os mesmos significados. O tempo passa, e com ele tudo vai se transformando, desde fachadas prediais, até conceitos, influenciando no comportamento social e modificando o produto cultural. Dessa forma é visível a diferença entre a verbalização do fazer e o próprio fazer, o que nos motiva a uma interpretação dos comportamentos dos organizadores e participantes.

Os motivos são diversos, e coincidem com a maneira como os interesses pessoais estão sendo negociados e alimentados por ambas as partes. Se, por um lado, as pessoas formam grupos e se apresentam por pura diversão, por outro há a intenção de atrair turistas para assistirem às apresentações de grupos tradicionais locais, revertendo em dividendos para a cidade através da venda de lembranças e tudo mais que puder ser comercializado. Outra motivação encontrada é o destaque oferecido para aqueles que se prestam a desfilar em meio à multidão, burlando a timidez, ou até mesmo ganhar as roupas utilizadas durante o desfile e o lanche após o mesmo.

Mas, o grande motivo ainda é a louvação religiosa, que tem nos autos, folguedos, danças dramáticas, cortejos, ou como queiram classificar; um ato de fé e devoção a santos católicos, muitas vezes transpostos ou sincretizados com outras crenças populares. Obviamente essa análise dos acontecimentos não pode ser generalizada, mas reflete a realidade de grande parte dos atores sociais envolvidos nas festas.

Manter uma visão petrificada dos grupos populares é não enxergar como eles se comportam face a exigências de público e organizadores. Sendo a maioria dos grupos originários de festas e procissões religiosas, sua função, influenciada pelas grandes festividades, passa a ser de entretenimento, quando não de destaque frente à sociedade local. Esta, mesmo fingindo não ver, demonstra uma relação diferenciada para com aqueles que se envolvem, chefiam ou participam dos grupos.

Essa relação não se dá de maneira uniforme e equilibrada. Ao contrário, por estar fundada em pré-conceitos enraizados (apesar de "novos"), ela separa os grupos em duas faces de uma mesma moeda, simplificadas nos conceitos de folclórico e parafolclórico. Essa divisão também não é entendida de uma mesma forma: para cada sociedade ela se dá de maneira a refletir seu próprio conceito de autenticidade, daquilo que é válido e deve ser mantido, preservado.

Observe-se que todos os grupos classificam-se como folclóricos, e a definição de qual é

folclórico ou parafolclórico é sempre externa a eles. Se os grupos mais tradicionais, com vestimentas simples e que tentam reviver uma prática antiga são mais interessantes aos eventos, pela credibilidade e exotismo que trazem consigo, novos grupos que se prezam pela beleza visual, dela se valem para chamar a atenção do público. Dessa forma, ser classificado como folclórico é uma coisa boa para os organizadores, o problema está nos critérios adotados para tal classificação. Esses critérios serão vistos de um ponto de vista ênico de local a local.

Na cidade de Laranjeiras, a definição de grupo folclórico está ligada à antiguidade. Grupos antigos são considerados folclóricos, e grupos recentes são classificados como parafolclóricos. Essa classificação mostrou-se bastante inexata, pois um grupo parafolclórico poderia tornar-se folclórico, embora isso leva-se muito tempo. Tempo esse que não é possível quantificar em termos exatos, mas que provavelmente envolveria mais do que uma geração. Segundo essa classificação, as Taieiras, Chegança e Cacumbi são grupos folclóricos, e o Cacumbi Mirim é parafolclórico, em Laranjeiras.

Em Japarutuba, os grupos folclóricos são aqueles que envolvem dança, música, coreografia, encenação mas, principalmente, tem uma função existencial, ou seja, eles contam e representam uma estória ou um fato histórico. Os grupos denominados parafolclóricos são aqueles que apesar de terem música, dança e coreografia, não contam nem representam um fato histórico. Existe também uma terceira categoria, os grupos de projeção, que são os grupos folclóricos mirins ou infantis, formados em escolas ou no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – programa nacional praticado pela Ação Social). Tais grupos são organizados por pessoas ligadas aos grupos principais ou até mesmo pelas professoras das escolas, e tem como função a educação e a valorização cultural, servindo também como preparação de indivíduos para mais adiante entrarem nos grupos principais.

Em São Cristóvão há o entendimento que o grupo folclórico tem que preservar as raízes, representar fatos históricos ou suas apresentações constarem de pelo menos várias partes. Nisso fazem a distinção entre folclore e folguedos. Por exemplo, apesar de serem externamente parecidos, há diferenças entre o samba de côco e a caceteira. O primeiro tem diversas partes, cada qual com uma dança, uma "pisada", um folguedo folclórico. Já a caceteira é somente uma dança, faz parte do folclore (povo) mas não é folguedo.

É no mínimo curiosa essa divisão, e mais importante é como a população renova sua tradição baseada nesses critérios. Em Laranjeiras, existe um grupo folclórico chamado Reisado de Dona Lalinha, nome da organizadora falecida há algum tempo. Para dar continuidade à "tradição", a Secretaria Municipal designou uma pessoa para tomar conta do grupo, o que constitui uma interferência. Em Japarutuba, o grupo local de Taieiras não se apresentou durante o ano de 2002 por motivos políticos; e era possível ver um grupo de "Xangô de D. Nininha" dançando sob a classificação de parafolclórico.

A defasagem face a teorias antropológicas mais recentes pode comprometer a dinâmica natural de criação e transformação das artes populares. Reproduzindo o pensamento de estudiosos, que "sabiam o que estavam fazendo", entretanto, os atores sociais passam a acreditar que o importante seria preservar a tradição, o antigo, para não perder a identidade do grupo e da festa que se realiza. Ao abordar a continuidade da mudança, Bruno Nettl aceita a existência de tipos ou níveis de mudança e cita Murdock^[4], que identifica na mudança cultural um padrão de conduta universal constituído de inovação, aceitação social, eliminação seletiva, e integração (Nettl, 1983: 174-76). Spradley e McCurdy entendem a mudança cultural em termos de quatro processos relacionados: inovação, aceitação social, performance e integração. (Spradley, 1975: 574-75).

Se imaginarmos uma relação simplista de causa e efeito dentro dos processos de mudança cultural, a restrição à inovação não dará continuidade à cadeia de acontecimentos, não havendo, portanto, a mudança. Porém, tal forma cultural hermética não existe. A mudança está sempre presente. Questiona-se aqui as inibições externas a um parâmetro social, sem que essas mesma inibições sejam inerentes à determinada prática. Idealizando uma comunidade onde a inovação seja uma variável aceitável, o próprio processo de aceitação social faz com que a identidade coletiva se preserve, sem perder sua contextualização. Ou seja, a liberdade

de inovação gera um contínuo processo de renovação de identidade, que mescla novas culturas, influências e dá novo significado a antigos padrões de conduta, mantendo um contínuo incentivo à procura pelo novo.

Logo, o que se percebe é que tais tendências folcloristas tendem a moldar um padrão de comportamento, inibindo a inovação e cristalizando o produto cultural. E como a cultura sempre está mudando, cria-se a denominação de parafolclore não somente para aqueles "intrusos" que tentam se apropriar do que pertence a outro segmento cultural, como também para novos grupos que surgem dentro de uma tradição "antiga" e que se dão a liberdade de mudar algum aspecto. Esses mesmos conceitos criaram uma nova hierarquia à base de um premiado reconhecimento da tradição e da antiguidade. Dessa forma, as Taieiras de Laranjeiras são tidas pela sociedade local, como um dos grupos mais importantes. São reconhecidas como legítimas representantes do folclore sergipano. Suas fotos são estampadas em *folders*, cartazes, jornais, e não são nunca esquecidas quando o assunto é cultura sergipana. Essa posição de destaque se deve a três fatores distintos: antiguidade, sacralidade e repertório musical.

Nas Taieiras de Lagarto, é a necessidade de se validarem como grupos tradicionais, e dessa forma serem tidos como folclóricos, que vai restringir o processo de criação musical. Porém, nas Taieiras de D. Neti, há a liberdade de acrescentar músicas tradicionais, e de mudar as vestimentas.

Em São Cristóvão, sua recente criação não permite uma maior generalização quanto ao processo de mudança no repertório musical. Mas, apesar da apresentação do grupo estar estruturada em cinco partes fixas e ordenadas, sua característica festiva e as possibilidades levantadas sobre a utilização de músicas de outros grupos, ou até mesmo de outro estilo musical, aumentam a probabilidade de mudança.

Numa visão geral dos grupos folclóricos na área de Sergipe, associada com Alagoas na riqueza de seus autos[5], uma combinação desta opulência com a miséria do povo tem conduzido a uma necessária ênfase na exploração do chamado turismo cultural. O patrimônio histórico, artístico e imaterial passa a ser "vendido" como matéria prima para obtenção de dividendos, sem investimentos substanciais. Um número avultado de empregos e serviços é gerado por essa via. De sua parte, as instituições culturais tentaram cumprir com o seu papel, tal como os Festivais de Arte de São Cristóvão incentivados pela Universidade Federal de Sergipe. Melhores que sejam as intenções, o produto final é necessariamente a interferência e imposição de padrões que já vêm afetando os grupos populares na área há mais de três décadas. Acrescente-se a isso o enorme poder dos meios de comunicação de massa. Tudo isso significa que os mencionados grupos populares estão constantemente sob tensão de fatores externos, sobre os quais não têm nenhum controle. Isso domina a dinâmica cultural na área, exigindo adaptações.

Reflexões

É importante reafirmar que este estudo não propugna por uma mudança cultural a qualquer custo. O próprio etnocentrismo, tão criticado, é uma forma de preservação da identidade cultural. Essa preservação é necessária, assim como a do passado histórico. Mas a história deve servir para iluminar a escolha de novos caminhos, não para frear as transformações necessárias para ajuste às circunstâncias do tempo, sobretudo numa sociedade tão estratificada quanto a brasileira. O que se percebeu, no trabalho de campo que nos ocupou, é que há uma vontade de mudar, que é inibida por motivos externos ao grupo. As influências externas não só criam museus a céu aberto, como também interferem na própria dinâmica da organização dos grupos.

Se num primeiro momento, os grupos populares são auto-subsistentes, mantêm-se do que conseguem recolher nas apresentações entre membros e colaboradores do acontecimento festivo, numa clara inversão de valores, os recursos públicos passam a patrocinar os eventos,

tirando dos grupos a responsabilidade de produzi-los. Na verdade, o que antigamente era função normal do grupo e parte significativa de sua existência, fazendo com que todos os participantes se sentissem responsáveis pelos acontecimentos, transforma-se em muletas nas quais os grupos se apóiam, e em consequência das quais o significado comunal e as iniciativas se atrofiam.

A perda do controle da situação acaba por engessar os eventos, pois, se determinado grupo se organizava e unia esforços para se apresentar, isso representava uma maior coesão do grupo e uma demonstração de que aquela apresentação era significativa para as pessoas que dela participavam. A partir do momento em que instituições públicas ou privadas passam diretamente a propiciar roupas para os grupos, comprar instrumentos, fornecer alimentos, parte da razão de estarem ali se perde ou se modifica em alguma forma de dirigismo. A ação cultural planejada não incorreria em riscos tão grandes quanto o faz por interferências nas esferas da produção e do consumo, se se orientasse por medidas que visassem o incremento da circulação, isto é, a multiplicação do acesso à informação e ao conhecimento.

A pressão externa sobre as realizações das Taieiras pode transformá-las em fósseis. Sempre lembrados de preservar as tradições, manter a identidade cultural, esquecemos que, com novas realidades sociais e econômicas, novas tradições surgem enquanto outras morrem. Talvez aí esteja o ponto crucial da questão: se determinado evento cultural, grupo ou expressão artística tiverem que "morrer", permita-se que isso ocorra com dignidade. Só não se deve forçar seu desaparecimento, nem tentar mantê-los vivos mais do que os próprios responsáveis queiram. Evidentemente a melhor opção é oxigená-los, ou seja, a adaptação que o contexto exigir. Caso contrário, seria uma decisão sábia deixar que a decisão corra por conta do próprio grupo. A cultura não deve ser podada, nem tampouco congelada.

Uma das principais falhas está no erro de foco. Deve se concentrar em preservar o ser humano, a pessoa que está por trás de todo acontecimento, ao invés de se fixar nos objetos. A música, os grupos populares, folguedos, são mais do que um artefato que se deva guardar no armário ou se expor nas prateleiras quando for conveniente. A beleza não está simplesmente na música, nas roupas ou nas danças. É na alegria do indivíduo que ela se destila, seja brincando ou louvando. É o bem estar dele que deve ser preservado e não um punhado de tecidos, gestos e palavras.

Uma etnomusicologia humanística, aplicada, nos sugere que, se as pessoas forem objeto de uma educação continuada que lhes ajude a se prepararem para a mudança acelerada de que hoje são parte, pela atualização das linguagens atuais, reciclagem das técnicas, terão melhor oportunidade de sobreviverem sem perda de sua identidade cultural. Valores culturais sólidos, uma educação baseada na pluralidade ao invés do preconceito, decisões compartilhadas e responsáveis podem ser a base para um futuro melhor.

Referências Bibliográficas

- Geertz, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Revisão Técnica de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC.
- Merriam, Alan P. 1964. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press.
- Nettl, Bruno. 1983. *The Study of Ethnomusicology: Twenty-Nine Issues and Concepts*. Urbana, Illinois: University of Illinois Press.
- Spradley, James P. e David W. McCurdy. 1975. *Anthropology: The Cultural Perspective*. New York: John Wailey & Sons.

Notas:

[1] Formado em Composição e Regência pela UFBA, defendeu sua dissertação de mestrado em etnomusicologia intitulada "Taieiras" em fevereiro deste. Atualmente dá continuidade aos seus estudos em etnomusicologia no nível de doutorado, na mesma instituição.

[2] De acordo com Geertz (1989: 17), Gilbert Ryle chama de "descrição superficial" o que o ator está fazendo, e de "descrição densa" o significado do ato, "uma hierarquia estratificada de estruturas significantes". Essa descrição superficial é o tipo que normalmente se encontra em artigos de jornais e revistas não especializadas.

[3] Definimos apoio como uma ajuda para a realização de apresentações, disponibilizando locais, divulgando o festejo e, se for o caso, financiando a estrutura física para tornar viável a apresentação, mas sem interferir diretamente nos grupos envolvidos, nas roupas ou estrutura. Patrocínio configura-se, portanto numa interferência direta, onde a prefeitura compra e confecciona as roupas, instrumentos, organiza data e hora do evento, tempo estimado para a apresentação e até mesmo pagamento de "cachê" para os grupos que participam.

[4] Murdock, George Peter, 1956, "How Culture Changes." In H. L. Shapiro, ed., *Man, Culture and Society*. New York: Oxford University Press, pp.247-60.

[5] A Área dos Autos, na antiga classificação do Brasil em áreas musicais de Luiz Heitor Correia de Azevedo.